

AO MEU GRANDE MESTRE DA ESCOLA DA VIDA

Liliana Maria Marchi Levada¹

Desde o dia em que o meu pai se foi, eu não consegui me pronunciar sobre isso. Para meus queridos amigos que me escreveram, todos com muito zelo e afeto, eu respondi com um econômico, porém extremamente sincero, muito obrigada. Eu também nada consegui escrever em redes sociais e, para ser sincera, nem para mim mesma. Como assimilar a perda de quem sempre me foi tão caro e precioso, a perda de quem me deu a vida e me ensinou a vivê-la com palavras e, sobretudo com exemplos e de quem eu tanto admirei como um verdadeiro herói?

Recebi o generoso e honroso convite desta respeitada revista e desde já peço desculpas aos editores por entregar o texto tão em cima da hora. Eu realmente tentei escrevê-lo muito antes e por diversas vezes, mas é simplesmente muito difícil admitir que este seja um texto de homenagem póstuma para alguém que sempre foi sinônimo de muita vida para mim.

¹ Liliana Levada é filha do Prof. Claudio Levada. Mãe do Mário, do Romeu e do Vicente. Kursou magistério nas Escolas Padre Anchieta, Direito no Centro Universitário Padre Anchieta, kursou até o terceiro ano do curso de Pedagogia do mesmo Centro Universitário Padre Anchieta e se formou em Pernambuco onde morou, na

Entretanto, como não escrever para a revista do Centro Universitário Padre Anchieta? Escola esta que me formou, que me educou, a qual eu devo bons e gratos momentos da minha vida, entre eles e certamente o mais marcante, o de ser aluna de meu pai. Eu me lembro de levantar as mãos para fazer alguma pergunta e dele abrir aquele sorriso tão único e tão doce ao responder: “Qual é a dúvida, filhinha?”. Eu me lembro também de estudar dobrado para as provas de direito civil. E como o ofício de professor o fazia pleno e feliz. Ele sempre teve um extremo respeito e afeto por seus alunos e colegas e pela instituição na qual lecionava. E sempre houve reciprocidade. Eu me recordo da aventura que era passear com o meu pai. Demorávamos horas para concluirmos as nossas atividades, pois, por onde íamos, éramos parados por alunos que vinham cumprimentá-lo e ele ficava extremamente feliz. Nos apresentava e sabia o nome e a história de cada um e, depois que o sujeito se afastava, ele concluía com a frase: “Esse é boa gente”.

Faz algum tempo que eu moro no Canadá. O meu pai viria para cá para

Faculdade Jaboatão dos Guararapes. Foi avaliada comparativamente aos estudos do Quebec como bacharel no setor da educação e atualmente trabalha como educadora na província do Quebec, no Canadá.

fazermos a chamada pesca branca, que consiste em armar uma barraca no meio de um rio congelado e com um material especial fazer um buraco no gelo e pescar. Já estava tudo planejado e seria divertido. Ele remarcou a viagem duas vezes por conta da pandemia e o Beppe (como ele dizia) desejou que fosse diferente.

Quando eu soube de todo o ocorrido, me apressei para chegar o quanto antes para o velório, mas novamente o Beppe mudou os planos e o meu voo foi cancelado, eu cheguei no dia seguinte apenas. “A ave de Minerva alça voo ao entardecer” (Hegel), me lembrei desta frase e nos despedimos no crepúsculo da janela do avião. Eu estava no céu e estávamos mais próximos, tinha que ser assim.

Porém, ao chegar, eu consegui ver as muitas demonstrações de carinho para com o meu pai. Tantas lindas flores com dizeres de agradecimento e afeto, muito apreciados por mim e pela família, que aproveito aqui para deixar o nosso mais sincero agradecimento.

Ignorávamos a distância física. Ela nada significava para nós. O amor desconhece a distância, ele dizia. Isso é uma verdade. Eu só consigo amá-lo cada vez mais, pouco importa o plano físico ou a distância. Mas a sua presença era sempre uma festa. Ele sabia o verdadeiro valor dos momentos e os degustava como um

precioso vinho. “Life is very short to be small” (a vida é muito curta para ser pequena) e era assim que ele brindava e vivia a vida. Tem uma passagem em que ele veio nos visitar e fomos a um restaurante. Cada um queria comer algo diferente e estava uma confusão para pedirmos a comida e eis que ele resolve a questão. Pediu um prato muito peculiar, era um prato que misturava polvo com carne de veado e alguma ave que não me recordo qual era. Ninguém seria capaz de se opor a um prato desses e tivemos um excelente e democrático jantar. Como os netos e filhos curtiam este excepcional e incrível pai e avô. Quanta sabedoria e exemplo ele conseguiu passar em tão pouco tempo e como eu o enxergo em cada um deles.

Pensando bem, o meu pai nos dizia que sempre estaria conosco, e concluiu que está, e sempre estará. Ele achou pouco ser inexpugnável e resolveu também se tornar onipresente, como ponderou o meu irmão Fabinho. Seja no gosto pela leitura do seu neto Marinho, pelo amor a poesia do seu neto Romeu, pela capacidade de argumentação de seu neto Vicente, pelo gosto pela pesca do seu neto Antonio, pela alegria de sua neta Catarina, pelo cantar do Nicolinha, pela energia do Igor, pela garra da Tatinha, pela contemplação do Fabinho, pela filosofia do Fi, pela admiração e carinho de seus genros e noras e pelo

imenso amor pela vida que aprendi com ele. Ele também está na alma de minha avó e de meus tios e primos, está na memória de seus colegas de trabalho, alunos, inumeráveis amigos e no coração da minha mãe Ani, que foi sua amiga e parceira desde a adolescência, se casou e que continuou uma bela amizade por todos os anos e com a Lu, com quem se casou e compartilhou bons e lindos momentos e enriqueceu ainda mais a nossa família.

Concluo, contradizendo o primeiro parágrafo que dizia este ser um texto póstumo. Na verdade, este é um texto para o meu pai, que vive e habita em mim e por todos os lugares em que ele passou e deixou a sua marca, pois esta alegria vive e pulsa em cada um de nós. Fique em paz, meu pai, na certeza de que viveu à sua maneira “my way” (sua música) e de que deixou muito amor por onde passou.